

O ALGARVE ILLUSTRADO

JORNAL LITTERARIO

COLLABORADORES: — Ex.^{mos} Srs.: João de Deus, Henrique Moreira, dr. J. F. Guimarães, José M. Reis, Anna Baganha, Cordes de Avellar, Rocha Pinto, Salazar Moscoso, Casimiro Dantas, Martins Contreras, Costa Dinanga, Lorgio Tavares, S. Coelho de Carvalho, Estacio da Veiga, Paes e Ayel, Duarte de Almeida, Carlos Palma, Pedro Tello, Alfredo Cunha, dr. A. J. Gonçalves Guimarães, dr. Justino Cunha, A. Cruz, Santos Fonseca, Joaquim Mascarenhas Netto, J. M. Leote Quintino, Macedo Ortigão, Joaquim Pires, Joaquim d'Arcojo, Theophilo Braga, Gonçalves Crasto, Abilio da Silva, Lázaro de Sequeira, Carlos Barentina, Jaime de Bivar, Fausto de Azevedo, P. Rostas, Paula Nogueira

PROPRIEDADE DE J. F. TAVARES BELLO

N.^o 11

ASSIGNATURAS

80 réis cada numero, pagos no acto da entrega. Numero avulso 120 réis. Photographia em separado, meia chapa 150, cartão de visita 80 réis.

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez

Sexta-feira 1 de novembro de 1880

CORRESPONDENCIA

Toda a correspondencia deverá ser dirigida a J. F. Tavares Bello, Faro, rua de S. PEDRO n.^o 42. Os originaes enviados, sejam ou não publicados, não se restituem.

I ANNO

O JARDIM DE ESTOY

Com este nome é conhecida a propriedade existente na aldeia de Estoy, que pertence ao morgado do Carvalhal, uma das casas mais nobres e distinctas do Algarve.

Foram tres os morgados que possuiram esta pro-

apreciar a belleza dos seus campos e a affabilidade dos seus habitantes, é forçosamente guiado a ir contemplar não só as ruínas da antiga *Ossonoba*, que, segundo a opinião de distinctissimos archeologos, teve assento no sitio denominado do *Milreu*, e que se acha a descoberto pelas excavações feitas em 1879, pelo



JARDIM DE ESTOY

priedade: Fernando Moreira do Carvalhal, Luiz Felipe do Carvalhal e José Maria Pereira do Carvalhal.

Este ultimo dispoz, por seu fallecimento em 1875, que a mesma propriedade fosse vendida e o seu producto dividido pelos pobres, legado que ainda não foi cumprido por estar dependente do tribunal orphanologico de Lisboa.

Actualmente a administração da propriedade denominada o *Jardim de Estoy*, está a cargo do primeiro testamenteiro, o ex.^{mo} sr. Joaquim Theophilo Genez Pereira, a quem devemos a fidez de nos prestar os esclarecimentos a que alludimos.

Quem visita a aldeia de Estoy, que dista cerca de oito kilometros da cidade de Faro, não se limita a

ex.^{mo} sr. S. P. M. Estacio da Veiga, e ás quaes nos referiremos em outro numero, mas tambem a aprazivel vivenda que representa em parte, a nossa photographia e ante a qual o visitante não pode deixar de ficar maravilhado sentindo o espirito povoado de toda a veneração pelos seus primeiros e illustres proprietarios.

Admira-se alli o pensamento grandioso que presidiu á fundação de tão encantadora propriedade. Primorosos trabalhos em cantaria, escadas nobres, estatua, um espaçoso e elegante lago, cascata, jardim que a despeito da força aniquiladora dos tempos, conserva ainda o seu primitivo desenho, capella onde a'om de tres altares, existem bellos quadros a oleo e algu-

mas esculturas. A água crystalina e pura jorrando em abundancia por todos os lados e frondosas arvores seculares, são por assim dizer os únicos e nupciaes que prestam homenagem saudosa á memoria d'aquelles que á gração actual deam um testemunho valioso do bom gosto, fidalguia e opulencia que ostentavam.

Quem aspira a brisa vivificadora da aldeia de Estoy, quem se estasia na contemplação melancolica da propriedade do morgado do Carvallal, não pode esquivar-se ao sentimento pesaresco sabendo que a mesma propriedade entrón n'um periodo de ruína antes de terminada a sua construcção.

Em consequencia do clima benéfico de Estoy, da pureza das suas aguas, muitas vezes, por conselho da medicina, bastantes doentes vão alli estabelecer provisoriamente a sua residencia, logrando melhorar consideravelmente, sendo restabelecer de toda a sua saúde.

Consta-nos que em tempos se pensou em organizar uma companhia para estabelecer na mesma aldeia uma casa de saúde, escolhendo para esse fim a propriedade do *Jardim de Estoy*. Não sobemos se tal pensamento subsiste, no entanto parece-nos que, pelas condições de salubridade e ainda pela facilidade de aquisição, se poderia levar a effeito a fundação da alludida casa de saúde, o que traduziria vantajosamente a realisação de um melhoramento importantissimo para esta provincia.

Muito fôgariamos com a iniciativa de semelhante empreendimento, por que seria um novo esteio de vida para a aldeia de Estoy e garantiria, por mais tempo, a conservação de uma propriedade digna a todos os respeito de valor e admiração.

TRINTA ANOS

Vagas aspirações a um mundo imaginario,
tudo o que floresce e ri, na idade juvenil,
pende, enlanguesce e caí entre os festões de abril,
e fica... o despertar do triste visionario!

Por isso, d'onde em onde, aos menestres românticos,
no entardecer da vida, aprez illes o chorar,
como se acaso a luz de um céu crepuscular
ao rouxinol da balsa emudecesse os canticos.

Oh mocidade, esenta: ao attingir o cunulo
das tuas illusões, dos sonhos teus febris,
não peças ao nobel os thesenos do infeliz
que apoia a fronte exhausta ao cabegal do tumulo.

Nem só a primavera, a fada dos teus extases,
abrange as regiões formosas da poesia:
tambem o sol do outono em cantos irradia
e accende no poeta a luz da inspiração.

Tu sonhas, primavera; o outono vê e pensa;
e das desillusões de um mundo já desfeito
fabrica um mundo novo, alarga a mente e o peito,
e injecta novo sangue em novo coração.

Não nos bastava o sonho, aspirações e enleies:
era a verdade um mytho, o bem uma chimera;
por isso o outono rasga os abundantes seios
d'onde dimana o bem, e onde a verdade impera.

A estrada é larga e plana, o céu sereno e limpido,

podemos caminhar.

E vós que entraís na vida, oh timidas crianças,
podereis apoiar
ao nosso braço firme os vossos tenros braços
e as vossas esperanças,
tão vivas e tão tremulas
como as luzes que a noite
suspende nos espaços.

Candido de Figueiredo.

A UM LIQUIDATARIO

— Porque andas tu nessa guerra
Cruel ás intuições?

— Por ter um palmo de terra...

— Mas terra de cada um...

Nesse mundo ha regiões

Immensas sem dono algum

Que te não custavam nada.

— Sim! terra já cultivada,

Que eu não sou tolo nenhum.

28 de novembro.

João de Deus

DE NOITE

Deseen de lá muito a noite silenciosa.
A lua, como um lirio immaculado,
Abre o caliz d'amor, mrua saudosa,
No azul d'astros serenos cravejado.

Quem me dêra sonhar o men noivado
Naquelle estancia doce e mysteriosa,
E aspirar-te os perfumes, branca rosa,
Longe das garras cruas do Pecado.

Ta'vez que se eu vivesse nesses mundos,
Calados, cheios de segredos fundos,
Te seguisse do alto dos espaços,

E estrella ou nuvem solitaria, um dia
Calara inerte, inanimada e fria
No abysmo luminoso dos teus braços...

Lisboa, 1878.

Joaquim d'Aranjo.

SONETO

Face mimosa e pallida, — em ti penso,
'neste ignorado e tacito recinto;
esecondo-me eu aqui; mas o que sinto
não podéra contel-o o mundo immenso.

A ti minh'alma sobe, como o incenso;
e bem sabes (porque eu nunca te mintto)
que, de ti perto ou longe, eu sou faminto
da eterna fome — o amor! — que nunca vengo.

Fechado aqui, tão só, quebro a cadeia,
transponho campos, serras, mar furioso;
desprendo pelo azul est'alma ardente.

Pôde mais que a prisão a livre ideia;
vence as serras e o mar meu peito aneio,
e assim serci contigo eternamente!
Tavira, outubro de 1880.

Annes Baganha.

CALUMNIAS E VERDADES

Muitos escriptores elegantes tem desenvolvido o vastissimo quadro da vida das mulheres debaixo de formas assás apaziveis; mas se, como diz o proverbio, virass-m o quadro pelo reverso, trocar se-lia a scena, veriamos os contornos escurrecidos, as luses a mortecidas, e já então se não reconheceria o ser sublime por elles exaltado. Em todas as epochas da humanidade tem sido a mulher o alvo de uma multidão de criticas e sátiras mais ou menos pesadas; tem-na dilacerado, calumniado, e tel-a-hiam os seus detractores até exterminado da familia humana se o tivessem podido. Em todas essas sátiras, escriptas por homens apaixonados e por amantes desditosos ou por velhos indibriados, se se acham verdades, tambem não faltam muitas exaggerações. A mulher é como a tem querido pintar; os defeitos que se lhe lançam são devidos em grande parte ás lucturas dos homens. Na sociedade em que estes são viciosos, tambem ellas o são porque as leis do contagio applicam-se egualmente ao phisico que ao moral do individuo.

Entre os hebreos que nos transmittiram em parte a sua religião e preocupações, as mulheres não gozavam d'essa consideração que lhes liberalisa a nossa civilisação. Encarava-as esse povo como entes inferiores ao homem e considerava-as como uma fonte inexhausta de falsidades, perfidias e sensualidades.

Os orientaes não tinham attensões para com ellas, senão em quanto procreavam; as estereis passavam numa vida desaventurada. Os arabes seguiam e ainda seguem o mesmo costume; para elles as mulheres são como cavalgaduras entre a especie humana: não tem attensões para com ellas senão ao tempo da fecundidade; porque, segundo pretendiam, só mal podia d'ellas provir.

A maior parte dos historiadores, poetas, e philosophos gregos não são de modo algum favoraveis ao sexo feminino. Tem para si que é tanto mais prejudicial a communicação com mulheres, quanto mais cheia de doçura parece. De quantos males horrendos não tem ellas inundado a terra? Per quantas especies de crimes não tem as mulheres violado as leis da natureza? Basta citar o collar de Eriphile, a calumnia de Stenobea, o incesto de Europa, o festim de Philoucla e a barbaridade de Progne, que degolou seu filho para se vingar do esposo.—As desgraças lançadas por Briséa sobre o campo dos gregos; a perda e destruição de Troia causada por Helena, e a mortandade de tantos guerreiros; a morte de Candaulo por uma mulher que elle idolatrava; os amores e artificios de Phedra; a morte d'Agamemnon por Clytemnestra sua esposa; o infanticidio de Medéa... e tantos outros horrores de que as mulheres se tornaram auctoras.

O irascivel e bilioso Euripides se derrenfrea contra ellas e lança-lhes toda a acrimonia da sua bilis; porem, Laïs vingou o seu sexo das injurias do tragico, dando-lhe publicamente uma severa lição, como se vê na curiosa obra intitulada — *Laïs de Coryntho ou as cortesãs da antiguidade* —

O voluptuoso Anacreonte que não vivia senão para o vinho e para as mulheres, cobre-as de improperios.

O poeta Simonides lançou sobre ellas uma violenta invectiva, cuja substancia é: « Que a natureza

da mulher compõe-se de dez elementos, ou para melhor dizer, que ha dez especies de mulheres; a saber: a primeira participa da porca; — a segunda da raposa; — a terceira da raivosa cadella; — a quarta do bruto em geral; — a quinta do mar turbulento; — a sexta do jumento obstinado; — a septima da ladra donicila; — a oitava do cavallo de bella crina; — a nona da maligna bugia; — a decima enfim da abella exacerbada.

Antisthenes e Xenocrates guardavam-se da vista das mulheres, tendo para si que o contacto d'ellas não podia deixar de ser funesto. Aristophanes disparava-lhes as mais agudas setas. O divino Platão temendo cair nas mãos de uma outra tal megera, como Xantippe, mulher de seu mestre Socrates, nunca se quiz casar. Diogenes desejava ver todas as mulheres enforcadas, á excepção de Laïs. Menippe não lhes tinha mais amizade e Zeno não as podia soffrer. Alciphão e Atheuon empenhavam-se em no-las destrever no meio das suas devassidões.

Luciano attribuiu-lhes coizas pouco lisongeiras. Enfim um só Plutarcho na *vida das mulheres illustres* as quiz resguardar dos revces dos seus antecessores.

Entre os romanos satyrisaram-nas Horacio e Marcial. Juvenal considerava-as como o maior dos males, e preferia a morte ao matrimonio. O austero Seneca deplorava o procedimento das mulheres e aconselhava a mocidade a evital-as. Galeno testemunha dos impetos de sua mãe para com os escravos, disse mal das mulheres.

Entre os povos sujeitos ás leis do Alcorão, a mulher é propriedade e objecto da satisfação do dono, e reduzida á condição de escravo, participa d'elle todas as astucias e perfidias. Publio Silvio escreveu contra ellas estas palavras que se tornaram em proverbio: *mulher que pensa por si só, pensa mal*. Gregorio Nasianzeno de nenhuma sorte as poupon. Entre os francos não eram as mulheres mais bem reputadas; mas já os gauleses tinham-nas em maior consideração e estima. Enfim a historia de todos os povos nos apresenta a mulher debaixo de um aspecto tanto mais desfavoravel, quanto mais barbaros eram esses povos.

Faremos observar aqui que em geral os detractores da mulher pertencem a duas classes: A primeira é a dos homens desprezados pelas amantes ou trahidos pelas consortes. Os motivos d'esse desprezo ou infidelidade são quasi sempre provocados pelo culpavel procedimento do homem, pelos seus maus costumes, pelo ciume e ás vezes por actos brutos. Provirá grande inconveniente á mulher em fugir d'estes feros, ciosos, e odientos, sempre com a injuria e a ameaça na bocca?

A segunda classe comprehende os homens vexados d'alguma desgraça, ou enfermidade e a todos os de coração frio, que estranhes aos infaveis gosos do amor, invejam aquelles que amam; e vertem sobre elles o veneno de sua colera. Esses homens praguejam incessantemente da mulher; acham defeituosos os seus encantos e attractivos; procuram denegrir as suas mais brillantes qualidades; e na cegueira do seu odio, não advertem que servem de zombaria e de alvo a sátiras; esquecem-se que a mulher é uma das maravilhas da criação, e que o Creator a dotou largamente de tudo quanto era necessario para as fazer amar.

Eis por que em todos os tempos as mulheres foram amadas e por que o serão sempre.

(Continua)

Faro.

F. C. R.

SONETO

Tinha de ser: a sorte é uma apenas.
Eubora as phases dos vai-vens da vida

Peregrinem inquietas em voluvel ida,
Isso qu'importa? que valem essas scenas?...

A sorte é uma e as feições centenas;
Diversa a causa, duvidosa a lida
Em torno d'ella a humanidade finda,
Soffre do destino as penas!!

Eu! quantas vezes divagando altivo
No vasto céu da phantasia ardente
Não vi queimar-se a minha propria mente!

Eu! quantas vezes ao soffrer captivo,
Não vi meu pranto a borbulhar mofo!o!
E agora... ó Deus! que mais feliz destino.
Faro 30 de outubro de 1880.

V.

CONSTANCIA

(TRADUÇÃO)

I

—Juras não esquecer-me?

—Ante a imagem da Virgem o faço, serei vossa esposa.

Escuta tambem o meu juramento sagrado: Amo-te tanto, que só a morte poderá impedir a nossa união.

Taes erão as palavras trocadas entre dois jovens, que com os olhos humedecidos pelas lagrimas se contemplavam ternamente.

Branca, assim se chamava, tinha apenas quinze primaveras, ao passo que Roberto completara vinte annos.

Este recordava o dia do nascimento de Branca, os seus brinquedos infantis, as caricias trocadas entre ambos nos seus folguedos de creanças, finalmente tudo que podesse lembrar o começo de um amor puro e verdadeiro.

Juntos haviam crescido, juntos viviam, juntos brincaram na juventude. As suas familias, que se extremeciam, viviam no campo durante o verão, em casas contiguas.

Quando pela pouca applicação ao estudo era necessário reprehender a um, lembrava-se-lhe que o outro tinha mais comprehensão, e isso era um estímulo para que ambos estudassem as suas lições com verdadeiro interesse e desejo de saber.

Os seus amigos todos lhe chamavam marido e mulher, porque desde creanças se amavam ternamente.

II

Um dia, Roberto, lembrou-se que sendo pobre não poderia dar a felicidade que desejava á sua adorada Branca, e foi viajar.

Onde ia? — Onde vão os pobres: fazer fortuna á America.

Porem a fortuna é caprichosa, nem sempre a encontra quem a proeura; não obtêm logral-a os que a pretendem.

Os primeiros annos correram tristes e infelizes para o emigrante. Entrou n'uma casa commercial, que pouco tempo depois quebrou; foi collocado como director de uma officina, da qual o despediram pela sua impericia; exlausto de forças e recursos pecuniarios, conseguiu entrar para a redacção de um jornal, como noticiaria, e assim se foi sustentando.

As cartas de Branca consolavam-no e infundiam-lhe valor para poder proseguir na sua ideia de procurar fortuna.

«Não te amofines pela adversidade, escrevia a donzella, lembra-te quanto me custa a tua separação e que só anecio tornar a ver-te. Quanto ao mais estou segura da tua fidelidade, porque tenho tanta confian-

ça no teu amor, como em mim propria.»

Roberto escrevia-lhe todos os correios com o maior entusiasmo e vehemencia. Não via em outra parte imagem que se podesse comparar á da sua amante.

Entretanto, esta tinha ido residir para Madrid. A sua mocidade, a sua modestia e sobre tudo a sua extraordinaria formosura, tinham causado sensação na grande cidade.

Branca, não se apresentava em logar publico, sem que fosse o alvo de todos os olhares, sem que milhares de mancebos se lhe acercassem como mariposas atraídas por vivissima luz.

A todos ella recebia cortezmente, a todos fallava com affabilidade e a todos impunha respeito pelo seu porte magestoso e pela sua rara virtude.

Este proceder, longe de desviar de si as atenções dos seus apaixonados, mais os incitava a requestal-a.

O pae de Branca, ainda que pouco favorecido de bens, tinha uma posição eleva-la na sociedade que o obrigava a frequentar saraus e bailes, onde era acompanhado por sua filha, que brilhava pela mais perigrina belleza.

Certo dia um grande de hespanha atraído pela sua formosura, sollicitou a sua mão que, com toda a delicadeza ella recusou sob o protesto de que por enquanto não pensava em casar-se. Um banqueiro, immensamente rico, soffrera a mesma sorte.

Branca parecia-lhe tão natural estas recusas, que nem sequer as mencionava nas repetidas cartas que dirigia a Roberto.

—«Amo-te, amo-te e amar-te-hei eternamente!

Tal era o sentimento invariavel de todas as missivas.

III

Haviam decorridos cinco annos, Branca tinha vinte, quando uma manhã encontraram seu pae morto.

A surpresa foi quasi tão grande como a dor da esposa e filha.

Os ultimos recursos da familia consistiam no ordenado que o marido recebia como empregado publico, que, para sustentar a sua dignidade, não havia conseguido juntar dinheiro.

Deixaram, pois, a grandiosa habitação onde viviam e foram occupar uma outra mais modesta, depois de venderem as suas joias e mobilia.

Ao saber a desgraça que affligia a sua amante, Roberto escreveu-lhe fazendo sentir a sua magua e lamentando-se pela sua má estrella que o fazia trabalhar infructuosamente, sem lhe permittir regressar á patria, para cumprir os seus juramentos.

Um indifferente já poderia ter notado: que o estylo Roberto de não era o de aquelle amante apaixonado, que o espaço que medeiava de carta a carta era muito maior e finalmente as esensas que elle dava, que os seus negoeios lhe tiravam o tempo. Porem Branca cada vez mais amante e apaixonada, nada via, nada sentia, senão o desejo do regresso do seu adorado.

Ao cabo de certo tempo, uma nova epistola veio augmentar a tristeza e inquietação de Branca: Roberto desesperado pela sua adversidade queria fazer o ultimo esforço para dominal-a.

Era a epocha em que todos os desgraçados corriam á California em busca de ouro. — Roberto ia confundir-se com elles e compartilhar os trabalhos e perigos.

« Voltarei rico, dizia elle, ou morrerei lá. — No primeiro caso, unir-nos-hemos em seguida: no segundo não me esqueças nas tuas orações.

« E' possivel que passem mezes, talvez annos sem poder dar-te noticias minhas; se morrer não faltará quem te participe, para que te livres do teu compromisso».

Ao ler esta carta, Branca padeceu e chorou tanto que bastantes dias se não pondo dedicar ao trabalho de costura, de que ella e sua mãe se sustentavam.

Continua